

**NOTÍCIA EXPLICATIVA
DA FOLHA 39-D
TORRÃO**

**FRANCISCO GONÇALVES
M. TELLES ANTUNES**

**SERVIÇOS GEOLÓGICOS
DE
PORTUGAL**

LISBOA 1992

VII - ARQUEOLOGIA ⁽⁷⁾

PALEOLÍTICO

Na área da carta, não se conhecem estações paleolíticas. Tão pouco nas prospecções realizadas se encontraram concentrações de materiais paleolíticos, embora tenham sido colhidos artefactos sobre seixos de quartzito, nas cascalheiras de terraço do Sado. Trata-se de recolhas de superfície e de materiais atípicos; não fornecem, por isso, indicações de idade.

(7) Por J. L. Cardoso, com a colaboração de F. Gonçalves.

MESOLÍTICO

"Concheiros"

Concheiros mesolíticos no vale do Sado, idênticos aos do vale do Tejo, foram referidos por BARRADAS (1936): da Quinta de Baixo (na carta: Quinta de D. Rodrigo) e de Portancho. Este é conhecido localmente por "Barrada das Vieiras". Tem área de cerca de 100 m², 2 m sobre a várzea.

O da Quinta de Baixo mais importante que o anterior (modernamente designado por Vale de Romeiras) situa-se cerca de 20 m sobre a várzea; tem área próxima dos 400 m².

Às explorações subsequentes, dirigidas por M. Heleno, não correspondeu qualquer publicação. Ulteriormente foram identificados numerosos concheiros, alguns escavados parcialmente (SANTOS, 1967, 1968, 1972; SANTOS *et al.*, 1974). FERREIRA & LEITÃO (1981) indicam, para os concheiros assinalados por M. F. Santos, o respectivo estado de conservação. Estes autores inventariaram os seguintes (com asterisco os assinalados na carta geológica): Portancho, Quinta de Baixo ou Vale de Romeiras, Cabeço do Pez, Vale de Romeiras ou Quinta de Baixo, Cabeço das Amoreiras, Várzea da Mó, Vale de Guizo*, Poças de S. Bento*, Barragem (deve ler-se Barrada) do Grilo*, Arapouco, Barranco da Moura*, e Fonte da Mina*.

Os concheiros de Barranco da Moura e Fonte da Mina estão em estudo e os restantes ou foram destruídos ou apenas parcialmente como sucedeu com os de Cabeço das Amoreiras, Poças de S. Bento e Barrada do Grilo.

Estes autores não descrevem com pormenor o estado actual de cada concheiro, nem dão elementos que permitam a sua localização no terreno. Daí que haja discrepâncias entre esta relação e o trabalho mais completo de ARNAUD (1987), onde cada concheiro é localizado e sumariamente descrito. Os concheiros referidos por este arqueólogo são os seguintes (com asterisco os que não estão assinalados na área mapeada): Arapouco, Cabeço do Rebolador*, Barrada das Vieiras (= Portancho), Cabeço das Amoreiras, Várzea da Mó (deve ler-se Vale de Romeiras), Cabeço do Pez, Várzea da Mó, Barrada do Grilo*, Fonte da Mina*, Poças

de S.Bento* e Barranco da Moura*.

Contributo significativo para o conhecimento da ocupação mesolítica no vale do Sado foi a cartografia de concheiros inéditos nos locais seguintes: 500 m NE do Cabeço do Pez; 1000 m ENE do Cabeço do Pez; 750 m ENE da Várzea da M6 e 1600 m E da Várzea da M6.

A situação geológica e geomorfológica é variável; uns, localizam-se no limite da plataforma cenozóica, a cotas entre os 40 m e os 50 m; outros, a cotas mais baixas, assentam sobre depósitos dunares (Várzea da M6) ou em encostas talhadas nos depósitos miocénicos, por exemplo os de Portancho (na Formação de Vale de Guizo) e Arapouco (na Formação de Alcácer do Sal).

O concheiro das Poças de S.Bento situa-se a 3,5 km do Sado em plena aplanção cenozóica; não obstante a distância ao leito actual do rio e a altitude, é uma das maiores acumulações do vale do Sado, com área superior a 4000 m².

A localização destes concheiros na parte recuada do antigo estuário do Sado corresponde, como em Muge, a opção deliberada em que se procurava o aproveitamento dos recursos do estuário (recolocção de moluscos) como do "hinterland" (caça). Se, em relação à componente da subsistência baseada na caça, parecem não existir significativas diferenças (ao menos entre Moita do Sebastião e Cabeço do Pez) (ARNAUD, 1987), há diferenças quanto à fauna malacológica: nos concheiros do Tejo predomina *Scrobicularia plana*, enquanto que nos do Sado *Cerastoderma edule* é mais abundante. Este facto está relacionado com a preferência por fundos vasosos por *S. plana*, e arenosos por *C. edule*.

BARRADAS (1936) refere que, na actualidade, os locais em que se apanha o berbigão (*C. edule*) situam-se 50 km a jusante dos concheiros mais para o interior (Vale de Romeiras, Cabeço do Pez). O estuário antigo estaria naturalmente mais próximo destes.

A formação dos concheiros do vale do Sado, decorreu entre 7500 BP e 5000 BP (ARNAUD, 1987).

A ocorrência de cerâmicas neolíticas nos níveis médios e superiores dos concheiros indica que as populações mesolíticas dos concheiros contactaram outros grupos em estádios económico-

-culturais mais avançados, tal como nos concheiros do vale do Tejo (FERREIRA, 1974).

O único concheiro do Sado com nítida reocupação pré-histórica é o de Barrada do Grilo, que deu, nos níveis superiores, cerâmicas campaniformes (SANTOS *et al.*, 1972).

NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO

São conhecidas na área da carta jazidas neolíticas e calcolíticas, das quais se salientam as seguintes, na área do Torrão:

- o povoado do Monte dos Castelos, dentro da vila;
- a anta de S. Fraústo, a cerca de 1400 m para NNW;
- o povoado do Cabeço da Mina, cerca de 8 km a este desta;
- o povoado fortificado do Monte da Tumba, a cerca de 1300 m para sul;
- e a jazida da Barrada do Grilo, já citada, cerca de 12 km para oeste.

A escavação no Monte dos Castelos permitiu observar uma estratigrafia essencialmente calcolítica constituída, dentre os materiais cerâmicos, por pratos de bordo espessado, taças em calote, esféricas, "potes" e crescentes de secção circular. A ocupação mais tardia deu-se no Bronze Final, como indicam fragmentos de cerâmica (SILVA & SOARES, 1986).

À anta de S. Fraústo, de que se conservam alguns esteios, uns em pé outros caídos, bem como a lage de cobertura, está associada a lenda de S. Fraústo. Segundo a tradição, o santo apareceu junto desta anta, chamada por isso "Lapa" ou "Sepultura" de S. Fraústo (forma popular de Fausto), ou "Fragusto" (por associação de "Fraga"), o Santo da Fraga (CHAVES, 1951: p.109). Nas proximidades desta anta há um local denominado de Pedra d' Anta, onde existia um monumento deste tipo, destruído para construir um moinho.

Mencione-se, ainda, a anta da herdade da Pijeira.

O Cabeço da Mina salienta-se na peneplanície. A escavação

revelou uma ocupação pré-histórica. Os materiais cerâmicos mais característicos são taças carenadas, taças largas de bordo espessado interiormente e esféricas com mamilos de prensão alongados; marcam a fase inicial do Calcolítico do Sudoeste (SILVA & SOARES, 1976/77), ou o final do Neolítico.

O importante povoado fortificado do Monte da Tumba tem sido explorado desde 1982 (SILVA & SOARES, 1987). As escavações puseram a descoberto uma fortificação constituída por muralhas providas de torres e bastiões, cuja construção compreende quatro fases (A-D), correspondentes a três fases de ocupação (I-III). Na fase Ia de ocupação e no início da fase Ib (data 14C de 4540 ± 90 BP) foi construída uma muralha a delimitar recinto central, rodeado por outra linha, cingindo uma área ovalada com 25 m de comprimento (fase A de construção). No final da fase Ib, a segunda linha é provida de bastiões semi-circulares (fase B de construção). Esta fase termina com a destruição de grande parte destas estruturas, formando-se espesso nível de derrubes.

A fase II de ocupação inicia-se com a construção de nova muralha (menos espessa que as anteriores) que, a partir de um dos bastiões não destruídos delimita uma área ovalada com 30 m de comprimento e 20 de largura; é guarnecida de bastiões, menores que os da fase B, e de torres ocas circulares. Trata-se da fase C da construção.

À fase III de ocupação, cujos níveis estão separados dos da fase II por espessa camada de derrubes, parece corresponder a fase D de construção, durante a qual foi levantado, na área central, um torreão subcircular com cerca de 12 m de diâmetro na base.

No que concerne à cerâmica, as três fases de ocupação do Monte da Tumba mal se distinguem, já que a evolução da cerâmica se manifesta sobretudo através de variações quantitativas, mantendo-se a maior parte das formas ao longo dos 3 m de potência estratigráfica. Nota-se maior frequência do prato de bordo almendrado, a forma de recipiente mais característica do Monte da Tumba é do Calcolítico do Sudoeste. A evolução do espólio arqueozoológico é conhecida; ao predomínio inicial da caça seguiu-se o da pastorícia, até o recrudescimento da caça que

precede o abandono do sítio (ANTUNES, 1987). Há também elementos acerca da vegetação (PAIS, 1987).

A ocupação calcolítica de Barrada do Grilo insere-se no Calcolítico final (horizonte das cerâmicas campaniformes). Ao contrário do Neolítico final e do Calcolítico pré-campaniforme, o local, em ponto pouco elevado e sem condições naturais de defesa corresponde a estadia breve, de um grupo pouco numeroso. Barrada do Grilo marca a distribuição da cerâmica campaniforme no vale do Sado (a montante da foz).

IDADES DO BRONZE E DO FERRO

Conservam-se no Museu Nacional de Arqueologia objectos das Idades do Bronze e do Ferro, provenientes das Alcáçovas (MACHADO, 1964: p. 333). Nos arredores do Torrão (herdade de Monte Novo) apareceram catorze machados de cobre ou bronze.

PERÍODO ROMANO

Na região do Torrão há testemunhos da ocupação romana: vestígios de construções em Alcalá e no Alto de N^a. Sr^a. da Esperança, e em cemitério, denunciado por sepulturas cupiformes - cf. "Diccionarion Geographico", do Padre Luis Cardoso, que também cita uma tampa sepulcral cupiforme, com inscrição, reutilizada na Capela dos Reis (FIGUEIREDO, 1895).

Por toda a serra das Alcáçovas ou da Senhora da Esperança encontram-se ruínas e, nos muros dos campos, fragmentos de mármore trabalhado de provável origem romana (VASCONCELOS, 1898: pp.117-120). Segundo este autor, o convento e a igreja da Senhora da Esperança situam-se entre ruínas. A sul, num campo do lado oposto ao templo, foram recolhidos cerâmicas e ossos humanos. Um vaso de barro, quase inteiro, utilizado como *olla cineraria*, conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia. É evidente que, no topo do cabeço, existia um cemitério romano de incineração, donde provém a tampa sepulcral cupiforme atrás referida, actualmente no Museu Nacional de Arqueologia (LAMBRINO, 1951: pp.60-61).

Junto ao Torrão há uma pequena construção romana de contorno curvilíneo, feita de *opus signinum*; no chão abundam fragmentos de tegulas. O local chama-se Fonte Santa (VASCONCELOS, 1898: pp. 114-116). As ruínas que hoje se podem observar correspondem a restos de edifício termal.

Em São João Baptista dos Azinhais, a 2 km do Torrão, observou-se lápide romana com inscrição, actualmente no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, bem como tampa sepulcral cupiforme (ALMEIDA *et al.*, 1978).

Talvez se possam reportar ao período lusitano-romano os restos de exploração de ferro, observados nas proximidades do v.g. Atalaia, a NE do Torrão. Trata-se de afloramentos de chertes com mineralizações ferríferas, conservando-se localmente restos de construções antigas.

Não obstante as numerosas e falsas interpretações da obra "As grandes vias da Lusitania" de SAA (1957-1967), esta contém informações de terreno com interesse, por exemplo, sobre a via romana que ligava *Salacia* (Alcácer do Sal) a Beja (*Pax Julia*).

Outra via ligava Santiago do Cacém a Cáceres, passando por Santa Margarida do Sado, Torrão e Alcáçovas (SAA, 1957: pp. 111-112). O Sado seria transposto a vau, em Santa Margarida. Outra hipótese (SAA, *ibid.*) é a da transposição do Sado em Portancho (Portancho = Porto ancho, isto é, "porto largo"), passando-se, na margem direita, a Porto do Carro, e depois a Alcáçovas. "Dois caminhos se oferecem para atingir aquela vila: o de Leste, por terrenos secos e altos, conforme o traçado da estrada em uso, traçado que muito se aproxima do Torrão, pois que, riscando pela antiga e arruinada capela de S. Fausto, deixa a vila do Torrão à direita, à distância de 2 km. O de Oeste, ou da esquerda, avança por Algalé, depois S. Domingos, Vale de Arquinha, Vale de Arca, Monte de Atalaia, Banhas. Este o caminho da tradicional canada ganadeira de Santiago do Cacém às Alcáçovas, em seguimento a Évora" (SAA, 1967: pp. 24-25).

A área da carta é atravessada por duas vias romanas principais, uma de direcção NE-SW (*Mirobriga a Emerita*, passando por *Ebora*) outra de oeste para este ou WNW de *Salacia* a *Pax Julia*.

ÉPOCA VISIGÓTICA

Na Herdade de Arranas existe capela do século XVII com pinturas nos tectos, abandonada e em risco de ruir; trata-se da capela de São João dos Azinhais, atrás referida, dominando actualmente a albufeira da barragem de Vale do Gaio. Embutidas nas paredes, encontraram-se dois fragmentos de pilastras (?) visigóticas e uma inscrição daquela época. Uma outra pilastra, intacta, de mesa de altar, conserva-se no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. A inscrição, completa, está metida na parede do lado do alpendre e tem a forma de ara romana (ALMEIDA *et al.*, 1979). Tal lápide atesta a existência no local de um templo dedicado aos mártires Justo e Pastor, tendo a obra sido concluída na era de 720.